

**ANDRE LORENZ DE AZEVEDO**

**QUAIS OS ELEMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS  
NECESSÁRIOS PARA A EFICIÊNCIA E EFICÁCIA DO  
PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR?**

**PUC/SP**

**2018**

**ANDRE LORENZ DE AZEVEDO**

**QUAIS OS ELEMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS  
NECESSÁRIOS PARA A EFICIÊNCIA E EFICÁCIA DO  
PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR?**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Docência no Ensino Superior, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, sob orientação da Profa. Dra. Marta Scarpato.

**PUC/SP**

**2018**

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, Cassio (in memoriam) e Leda, pelo amor e dedicação de ambos, buscando incessantemente entregar aos seus filhos o que de melhor poderiam proporcionar, em especial a educação e aos nobres valores transmitidos.

Aos meus irmãos Daniel, Katia e Fernando, pelas ótimas recordações, cuidados e carinho recebido.

E, em especial a minha esposa Sandra pela eterna e linda conexão de amor e incondicional apoio para enfrentar meus desafios, e aos amados filhos, Rafaela e Henrique, fontes de inspiração de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a força divina que ilumina a minha caminhada.

Agradeço à professora Dra. Marta Scarpato pelo seu suporte as minhas demandas, dedicação e incentivo para avançar a conclusão desta etapa acadêmica.

Agradeço aos meus colegas de Curso de Especialização em Formação Docente no Ensino Superior, pelo ótimo ambiente e compartilhar de experiências.

E, aos demais professores que me auxiliaram na construção de novos saberes.

Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.

.Johann Goethe.

## RESUMO

AZEVEDO, André Lorenz De. Quais os elementos didático-pedagógicos necessários para a eficiência e eficácia do professor no ensino superior. São Paulo, PUC-SP, 2018 (Monografia de Conclusão de Curso de Especialização em Formação Docente: Ensino Superior).

O presente trabalho resulta de uma pesquisa desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico e documental, de caráter exploratório. Inicialmente, através de posições preponderantemente externadas por profissionais da área de administração, buscou-se conceituar e contextualizar os termos eficiência e eficácia. Em um segundo momento, apoiando-nos em teóricos da área de educação e psicologia, teve-se como objetivo compreender as características do discente universitário e elementos que tornam eficientes e eficazes o ato de ensinar. No terceiro capítulo, ainda com base nestes teóricos, analisou-se a eficiência e eficácia da prática docente com atenção especial a interação social na construção do processo de ensino-aprendizagem no ensino superior. Através desse estudo verificou-se que a prática docente no ensino superior demanda um conjunto de competências essenciais, a profunda atenção as novas demandas e formas de aprendizagem do discente atual e também a necessidade de resiliência do docente para tornar o ato de ensinar uma experiência viva, através da qual, tanto educador como educando sejam capazes de produzir novos e significativos saberes.

**Palavras Chave:** Eficiência, eficácia, competência, docente, discente, aprendizagem, ensino superior.

## **ABSTRACT**

AZEVEDO, André Lorenz De. What didactic-pedagogical elements necessary for efficiency and effectiveness of higher education teacher. São Paulo, PUC-SP, 2018 (Monograph for the Conclusion of Specializing Course in Educational Formation: Higher Education).

The present work results from a research developed through a bibliographical and documentary survey, an exploratory approach. Initially, through positions predominantly expressed by professionals of administration area, we sought to conceptualize and contextualize the terms efficiency and effectiveness. In a second phase, supported by the theoreticians in education and psychology areas, it was intended to understand the characteristics of the university student and elements that make efficient and effective the act of teaching. In the third chapter, still based on these theorists, the efficiency and effectiveness of teaching practice with special attention to social interaction in the construction of the teaching-learning process in higher education was analyzed. Through this study it was verified that the teaching practice in higher education demands a set of essential competences, deep attention to current student new demands and learning forms and the teacher's need for resilience to make the act of teaching a living experience, through which educator and pupil be able to produce new and meaningful knowledge.

**Keywords: Efficiency, effectiveness, competence, teacher, student, learning, higher education.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
EFICIÊNCIA E EFICÁCIA: CONCEITOS E CONTEXTO.....	11
1.1 Breve contexto histórico e conceituação dos termos eficiência e eficácia.....	11
O DISCENTE UNIVERSITÁRIO: CARACTERÍSTICAS E ELEMENTOS RELEVANTES PARA A APRENDIZAGEM.....	17
2.1 Características do discente universitário.....	17
2.2 Formas eficientes e eficazes para assegurar a aprendizagem.....	20
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: COMPETÊNCIAS E INTERAÇÃO SOCIAL PARA A EFICIÊNCIA E EFICÁCIA DO PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR.....	25
3.1 Eficiência e eficácia na prática docente.....	25
3.2 A importância da interação social na construção do processo de aprendizagem no ensino superior.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	35

## INTRODUÇÃO

*A imaginação é mais importante do que o conhecimento.  
Albert Einstein.*

A curiosidade está no âmago do desenvolvimento humano. Através da curiosidade, nós iniciamos poderosos processos internos que naturalmente nos permitem desenvolver nosso caminho. A curiosidade é um estado mental excelente, que possibilita e liberta a mente da hesitação, como raio de sol da primavera sobre um rio congelado. Perguntas como: “E se você pudesse? ” parece ter sido utilizadas por todas as culturas para ajudar a expandir o pensamento. Essas perguntas podem nos conectar rapidamente aos recônditos mais longínquos da mente e do coração, permitindo que criemos perspectivas de maneira divertida e eficazes. Perguntas “E se” permitem que as “águias da mente” alcem voo.

O tema desta pesquisa - “Quais os elementos didático-pedagógicos necessários para a eficiência e eficácia do professor no ensino superior? ” nasceu, da minha formação universitária em administração de empresas aliado ao meu histórico profissional em uma multinacional americana do mercado farmacêutico, com métodos e processos ininterruptamente elaborados visando o aumento da eficiência e eficácia nos negócios, para atender de forma singular clientes cada vez mais exigentes e insatisfeitos em suas mutantes necessidades e assim, assegurar a perenidade do negócio.

Neste contexto, ao aproximar-me da área de educação, através do curso de especialização em formação docente no ensino superior, observei atentamente uma pergunta que muitas vezes quase que de maneira invisível margeara todas as aulas do curso: Como o professor pode ser mais eficiente e eficaz em sua profissão?

A pesquisa que conduziu a esta monografia e objetivou então, identificar quais são os elementos didático-pedagógicos necessários para a eficiência e eficácia do professor no ensino superior e, para isso, buscamos fornecer uma leitura dos seguintes aspectos: Contexto histórico e conceituar os termos eficiência e eficácia; caracterizar o discente universitário e os elementos

relevantes para a aprendizagem; e conceituar e identificar as práticas pedagógicas competentes e a importância da interação social como essenciais para a execução de uma docência plena.

Através do apoio teórico de autores como: Gardner, Chiavenato, Palangana, Scarpato, Freire, Masetto, Perrenoud, dentre outros, buscamos compartilhar seus conceitos e pensamentos para fundamentarmos o tema de pesquisa.

O presente trabalho resulta de pesquisa desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico e documental.

Para responder os questionamentos propostos nesta pesquisa, separamos os conteúdos a partir das seguintes abordagens: eficiência e eficácia, discente universitário e práticas pedagógicas.

No primeiro capítulo além de conceituar os similares termos eficiência e eficácia, que muitas vezes causam ruído semântico, mas que possuem significados diferentes e são amplamente explorados na área da administração, aproveitamos para aproximá-los e contextualizá-los à área educacional.

No segundo capítulo, a análise foi concentrada no discente universitário, explorando suas características, sua heterogeneidade nos dias atuais considerando desde a variação social, econômica, cultural, histórico de estudos, experiências de vida e a sua natividade digital. Além disso, aproveitamos para explorar elementos relevantes que comprovaram ser eficientes e eficazes para a aprendizagem dos alunos.

No terceiro capítulo, analisamos as práticas pedagógicas eficientes e eficazes, através da revisão das dimensões de uma docência de qualidade, as melhores práticas, o conceito de competências, bem como, destacamos a relevância da interação social na construção do processo de aprendizagem do aluno no ensino superior.

Dessa forma, desejamos que as análises feitas nesta pesquisa possam agregar novas reflexões sobre o tema, gerar a curiosidade e inquietação, inspirar a aprendermos a abrir as asas da mente em toda a sua amplitude e a voarmos como nossa águia, dotados de um forte senso de investigação, rumo à curiosidade e à visão, tão necessárias para a produção de novos e infinitos saberes.

## CAPÍTULO 1

### EFICIÊNCIA E EFICÁCIA: CONCEITOS E CONTEXTO

Eficiência consiste em fazer certas as coisas; eficácia, em fazer as coisas certas.

Peter Drucker.

#### **1.1 Breve contexto histórico e conceituação dos termos eficiência e eficácia**

No anuário de Competitividade Mundial 2017 (World Competitiveness Yearbook – WCY).<sup>1</sup> o Brasil ganha uma posição ocupando agora a 60ª colocação dentre as 63 nações avaliadas.

Conforme PORTER (2012, P.75) ter vantagem competitiva real significa que em comparação com a concorrência, um competidor opera com custo menor, pode cobrar um sobre preço ou ambos. Definitivamente, algo que não tem acontecido com o país.

Os países com menores índices de competitividade caracterizam-se por terem instituições fracas, infraestrutura deficiente e educação de baixa qualidade e baixa produtividade, resultando em uma economia frágil e incapaz de promover avanços na competitividade interna e internacional.

Segundo o MEC o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), com base nos resultados da avaliação de 2015, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), constatou que o Brasil está estacionado há dez anos entre os países com pior desempenho.<sup>2</sup>

Diante destes cenários de insatisfatória competitividade, significativamente impactados pela qualidade do ensino e da aprendizagem, parecem necessárias discussões em torno do tema educação e de conceitos administrativos básicos tais como eficiência e eficácia, termos estes

---

<sup>1</sup> 30ª edição no ano de 2018, o estudo publicado pelo IMD (International Institute for Management Development), com sede na Suíça, em parceria com a Fundação Dom Cabral (FDC).

<sup>2</sup> Em relação à edição anterior da pesquisa (2012), o desempenho em Ciências e leitura ficou estagnado e, em Matemática, a nota final foi 11 pontos menor – piora considerada estatisticamente relevante. No ranking que considera todos os países, a melhor posição do País é em leitura – 59.º. Em Ciências, o ensino brasileiro ficou na 63.ª posição. Mas foi em Matemática o pior resultado, a 65.ª colocação, “ganhando” apenas de Macedônia, Tunísia, Kosovo, Argélia e República Dominicana.

empregados em diferentes contextos e áreas de conhecimento tais como: administração, economia, educação dentre outras.

Peter Drucker propôs eficácia – capacidade de fazer as coisas certas – e eficiência – a capacidade de fazer certo as coisas. Desses dois critérios, pelo que sugere Drucker, a eficácia é o mais importante, já que nenhum nível de eficiência, por maior que seja, irá compensar a escolha dos objetivos errados. (Stoner e Freeman, 1995. P.136)

No que tange o conceito de eficiência, ele é trazido para Teoria Geral da Administração (TGA) pela escola da Administração Científica de Frederick Taylor, entre o final do século XIX e o início da segunda década do século XX. É um conceito antes focado na linha de produção, na empresa que ainda estava mais preocupada com a produção da oferta do que com o consumidor.

Historicamente surge num momento de intensa concorrência de um capitalismo que já passara por duas revoluções industriais e, segundo a avaliação de seus críticos, assumia a sua fase amadurecida de alta concentração de capital, com o capital industrial se unindo ao capital bancário para formar o capital financeiro. É o momento dos trustes e cartéis, e do imperialismo da Europa Ocidental, que culminaria mais tarde por produzir a Primeira Guerra Mundial.<sup>3</sup>

Seja como for, o que temos neste momento é uma concorrência onde se busca ter o melhor produto, serviço, centrada na visão de oferta, e focada, portanto, no ambiente interno da empresa, prevalecendo como fator de incremento de demanda o chamado esforço de venda, onde prevalece o interesse do ofertante. A Revolução Industrial surgiu a partir do impulso gerado pela escassez de mercadorias, advindo do período do mercantilismo, onde o comércio internacional desenvolve-se produzindo uma demanda potencial cada vez maior, criando condições para a evolução da produção, visando converter tal potencial em demanda efetiva.

---

<sup>3</sup> Truste - acordo entre empresas com a finalidade de controlar os preços, ampliar sua força no mercado e diminuir, ou anular, a concorrência. O truste é ilícito em vários países. Cartel - Acordo de cooperação entre empresas que buscam manter (entre elas) a cota de produção do mercado, determinando os preços e limitando a concorrência: postos de gasolina são condenados por prática de cartel.

Assim, a visão de eficiência se associa à evolução desencadeada pela escassez de mercadorias que, à medida que era solucionada, intensificava a concorrência. A eficiência foi o meio encontrado e sugerido por Taylor para aumentar a produtividade, conceito este que o engenheiro mecânico, Pai da Administração, foi buscar com o professor acadêmico, Adam Smith, Pai da Economia: a produtividade inerente à organização social do trabalho, que posteriormente foi potenciada pela evolução tecnológica.

Tal visão haveria de mudar à medida que a escassez de mercadoria fosse se transformando em abundância. Possivelmente, ocorreria na segunda década do século XX; não a solução deletéria da Primeira Guerra Mundial, que pela destruição gerou novas oportunidades via posterior reconstrução, protelando a questão da abundância excessiva de produção para eclodir no final da década seguinte, em 1929, aí construindo um novo tipo de mercado caracterizado pela abundância produtiva. Era o prenúncio do fim da era da visão ofertante de mercado.

É o momento de crescimento das teorias que incorporavam o fator trabalho de modo mais humano na gestão administrativa. Iniciava-se a era de uma nova vertente da TGA, a Escola de Relações Humanas. A administração nascida nas mãos de engenheiros e inspirada pela economia ganhava o acréscimo dos psicólogos. O “homem boi” de Taylor ganhava contornos primitivos, a força política do fator trabalho se desenvolve. Já não quer estudar apenas a ação do homem, mas suas motivações; é preciso conhecer o material humano para saber lidar com ele.

No mais, a empresa precisa se abrir para o ambiente externo, mudar o seu foco. Neste sentido é que a Administração por Objetivos (APO) de Drucker, nos anos 40, retifica a direção. A administração, por objetivos, modifica a visão da melhor maneira de produzir, da eficiência, para melhor maneira de se atender a um objetivo estabelecido, sinônimo de eficácia. Ora, isto para a empresa significa conhecer o seu meio externo, o mercado onde ela atua, e conhecer o mercado é conhecer o consumidor. É assim que o foco da empresa se volta cada vez mais para o mercado, e nesse sentido se começa a mudar a diretriz do ofertante-produtor em favor do consumidor.

Como se pode notar as palavras eficiência e eficácia podem estar relacionadas a diferentes contextos e áreas de conhecimento. No espaço

educacional, o termo eficácia cada vez mais ganha relevância através de Perrenoud (1999).

[...] uma capacidade de agir eficazmente em um tipo definido de situação, capacidade que se apoia em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se via de regra, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos (PERRENOUD, 1999, p.07/grifo do autor).

A eficácia é, então, explicada como uma capacidade do sujeito de reunir seus conhecimentos sejam eles científicos ou de experiências pessoais no âmbito social, de tal forma que estes sejam refletidos, analisados e moldados para a solução de uma certa situação. Sendo que esta proposta deverá ocorrer de forma eficiente, ou seja, com as ferramentas adequadas, bem como, de maneira eficaz, assegurando o atingimento de determinado objetivo.

Uma pessoa somente poderá ser considerada eficiente e eficaz se conseguir conciliar seus conhecimentos prévios com as situações por ele experimentadas através de funções e habilidades administrativas. As funções, referem-se ao planejamento, a organização, a liderança e o controle do processo já as habilidades administrativas: às capacidades técnicas, interpessoais e de comunicação, conceituais e de decisão, contribuindo assim, para o resultado almejado.

Compreendendo agora que eficiência diz respeito ao uso parcimonioso e racional dos recursos ou insumos cuja contribuição é incorporada ao processo produtivo de um bem ou serviço e que eficácia é o grau com que um objetivo, ou uma meta programada é efetivamente cumprida, independente do mérito intrínseco da meta escolhida no planejamento e programada para uma data determinada, CHIAVENATO, nos afirma ainda que:

Eficácia é uma medida normativa do alcance dos resultados, enquanto eficiência é uma medida normativa da utilização dos recursos nesse processo. (...) A eficiência é uma relação entre custos e benefícios. Assim, a eficiência está voltada para a melhor maneira pela qual as coisas devem ser feitas ou executadas (métodos), a fim de que os recursos sejam aplicados da forma mais racional possível (...) (Chiavenato, 1994, p. 70).

Assim, a eficiência é a ênfase nos meios, enquanto eficácia é a ênfase nos resultados. Logo, quem se preocupa com os fins, em atingir os objetivos é a

eficácia, que se insere no êxito do alcance dos objetivos, com foco nos aspectos externos da organização.

À medida que o administrador se preocupa em fazer corretamente as coisas, ele está se voltando para a eficiência (melhor utilização dos recursos disponíveis). Porém, quando ele utiliza estes instrumentos fornecidos por aqueles que executam para avaliar o alcance dos resultados, isto é, para verificar se as coisas bem feitas são as que realmente deveriam ser feitas, então ele está se voltando para a eficácia (alcance dos objetivos através dos recursos disponíveis) (Chiavenato, 1994, p. 70).

O autor diz que nem sempre se é eficiente e eficaz ao mesmo tempo. Uma organização pode ser eficiente e não ser eficaz e vice-versa. O ideal é ser igualmente eficiente e eficaz. Chiavenato, oferece alguns exemplos para diferenciar os conceitos: eficiência é treinar os subordinados, enquanto eficácia é dar autonomia aos subordinados; eficiência é resolver problemas, enquanto eficácia é atingir objetivos ou ainda utilizando um exemplo atual diante da recente Copa do Mundo de Futebol na Rússia (2018), eficiência é jogar futebol com arte, enquanto eficácia é ganhar o jogo.

O ideal portanto, seria que no contexto educativo escolar o educador considerasse a organização em que trabalha sob o ponto de vista da eficácia e de eficiência, simultaneamente, pois a eficácia serve como uma medida para alcance de resultados e por sua vez a eficiência será uma medida da utilização dos recursos neste processo, e desse modo se conseguir que a organização seja igualmente eficiente e eficaz, a mesma alcançará a excelência em seus produtos e/ou serviços, pois estará utilizando adequadamente seus recursos no alcance de seus objetivos.

Megginson, Mosley e Pietri Jr, (1998), dizem que uma das formas de se medir o desempenho organizacional refere-se à eficiência e à eficácia, conceitos que, segundo eles, são bem diferentes. Para os autores:

Eficiência é a capacidade de 'fazer as coisas direito', é um conceito matemático: é a relação entre insumo e produto (input e output). Um administrador eficiente é o que consegue produtos mais elevados (resultados, produtividade, desempenho) em relação aos insumos (mão-de-obra, material, dinheiro, máquinas e tempo) necessários à sua consecução. Em outras palavras, um administrador é considerado eficiente quando minimiza o custo dos recursos usados para atingir determinado fim. Da mesma forma, se o administrador consegue maximizar os resultados com determinada quantidade de insumos, será considerado eficiente (Megginson et al, 1998, p. 11).

Diante das definições apresentadas e contextos, verificamos que apesar da semelhança morfológica, que muitas vezes causa uma confusão semântica, eficiência e eficácia possuem significados diferentes e, portanto, podemos chegar a diferenciação delas no âmbito organizacional. Para as organizações um funcionário eficiente produz de forma rápida e inteligente enquanto um funcionário eficaz produz a um nível elevado, desse modo, o ideal para os gestores é a combinação da eficiência e eficácia de modo que a organização consiga produzir e oferecer os melhores produtos e serviços, com maior rapidez e utilizando menos recursos, conforme explica Chiavenato apud Jacobsen (2012, pág. 37) “a eficiência está voltada para a melhor maneira pela qual as coisas devem ser feitas ou executadas (métodos de trabalho) para que os recursos sejam aplicados da forma mais racional possível no desenvolvimento de suas atividades.

A seguir, analisaremos as características singulares do novo discente universitário, desde aspectos sociais, culturais, econômicos e histórico de ensino, requerendo assim, por parte do docente, um conjunto de competências e habilidades essenciais para atender demandas cada vez mais customizadas e que sejam capazes de assegurar eficientes e eficazes processos de ensino-aprendizagem.

## CAPÍTULO 2

### O DISCENTE UNIVERSITÁRIO: CARACTERÍSTICAS E ELEMENTOS RELEVANTES PARA APRENDIZAGEM

As pessoas muitas vezes são ensinadas que é inteligente ver dentro do outro. Na verdade, nossa verdadeira inteligência começa com nosso compromisso de ver a partir do outro.

Anônimo.

#### 2.1 Características do discente universitário

Para abordarmos as características do discente universitário é importante marcarmos que a universidade brasileira nasceu em uma sociedade profundamente segmentada na qual construiu tênues laços com o meio social em que historicamente tem-se inserido.

Mais do que nunca, a universidade necessita ter o seu papel claro, considerando à crise social que impacta quase todas as nações, que é de romper com a segregação social de modo a assegurar uma sociedade integrada, eficiente e soberana.

Do ponto de vista estatístico, segundo dados do Censo Superior 2011, o Brasil encerrou o ano de 2010 com 6,45 milhões de alunos no ensino superior, e nesse ano ingressaram 2,2 milhões. O número de alunos aumentou, 7,1% entre 2009 e 2010 e 110% entre 2001 e 2010, evidenciando o crescimento desse nível educacional do ponto de vista quantitativo.

Um dos impactos mais significativos desse crescimento do ensino superior é a diversidade de alunos: a variação social, econômica e cultural, a diferenciação no histórico de estudos, conhecimentos e competências anteriormente trabalhadas, a ampla gama de aspirações e expectativas profissionais, as singularidades individuais, traços de personalidade, crenças valores e experiências de vida.

FREIRE, (2017) nos recorda que: Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos:

[...]. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária -. (2017, p.31).

Assim, traçar o perfil acadêmico do aluno contemplando o seu nível de desenvolvimento, conhecimentos prévios e habilidades específicas que se constituem em pré-requisitos para o trabalho que será realizado pelo docente. Identificar as necessidades socioeconômicas e socioculturais da comunidade, principalmente em relação às exigências da área profissional relativa ao curso que os alunos estão fazendo; definindo as capacidades e as habilidades que o aluno deverá desenvolver ao longo da disciplina; potenciais motivações e interesses do aluno pelo trabalho que irá realizar e articulando essas condições e exigências aos planos de desenvolvimento do país e ao mercado de trabalho, são fatores críticos para o sucesso do docente junto ao novo discente e uma verdadeira demonstração de respeito aos seus conhecimentos e demandas.

Este cenário, portanto, requer enorme atenção por parte dos docentes, para atender as necessidades de alunos tão heterogêneos, no qual, MASETTO, (2013) afirma:

[...] Não há como negar que trazem para a sala de aula um conjunto de conhecimentos prévios, vivências, motivações, capacidade de trabalho e expectativas que devem ser prioritariamente considerados para um efetivo processo de aprendizagem. (p.36).

Outra característica do atual discente universitário está relacionado ao repleto uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Com o advento da informática, redes sociais e etc..., é notável a quantidade de informações potenciais para gerarem novos conhecimentos e por consequência impactar o processo de aprendizagem na área educacional. Com essas novas tecnologias, inúmeras mudanças são percebidas junto aos estudantes, possibilitando entrarem em contato com as mais novas e recentes informações, pesquisas e produções científicas do mundo todo, em todas as áreas.

Neste aspecto MASETTO, (2013) constata uma significativa mudança no ambiente educacional superior atual ao afirmar que:

[...] A consequência disso é o extremo utilitarismo do conhecimento, a busca pela aplicabilidade imediata a tudo o que os rodeia ou, em outras palavras, os estudantes estão direcionados a aprender o que para eles importa, e buscam, para cada experiência vivida em sala de aula, significado e justificativa. (p.38).

Além disso, é facilmente perceptível que esse imenso cenário tecnológico trouxe a oportunidade de desenvolver a autoaprendizagem e a interaprendizagem a distância, a partir dos computadores que se encontram nas bibliotecas, nos escritórios, em locais de trabalho e nas próprias residências das pessoas. Surgem novas formas de se construir o conhecimento e de se produzirem trabalhos monográficos e relatórios científicos; a oportunidade de se integrarem movimento, luz, som, imagem, filme, vídeo e texto em novas apresentações de resultados de pesquisas e de assuntos e temas para as aulas.

Conforme GARDNER (2011):

[...] Essa é a primeira vez em nossa história que podemos individualizar a educação, mais amplamente, através dos computadores, porque os computadores podem apresentar aulas de várias maneiras; os computadores são muito pacientes, não se frustram, e se não funcionar de um jeito, eles podem de outro. A individualização está se tornando uma realidade nos nossos tempos. (GARDNER, 2011, vídeo educação no século XXI – UFRGS).

O fato é que o discente da nossa atualidade é um nativo da era digital, ambiente na qual as informações e comunicações estão disponíveis a uma enorme parcela populacional. A partir deste cenário é possível observar uma grande diferença na concepção de aluno, promovendo um novo modo de pensar sendo, portanto, essencial ao professor a devida resiliência para adaptar-se ao seu novo papel ou profissionalidade.<sup>4</sup>

E reforçando essa necessidade de atenção por parte do docente junto aos seus alunos, KARNAL (2016) na condição de professor do segundo ano da

---

<sup>4</sup> Sacristián (1998, p. 65) trouxe essa discussão para o Brasil e para a docência durante as amplas reformas educativas da década de 1990, quando definiu profissionalidade docente como “a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos. Destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor”.

graduação/pós-graduação da Unicamp, enfatiza a nova geração de estudantes como:

[...]. Ela não tem o tipo de inteligência que a minha geração teve. Eles são mais holísticos e menos dados a um único objeto de análise. A diferença é que eles são um verdadeiro farol de Alexandria rodando, percebendo todas as coisas, vendo muitas imagens, com uma rapidez verbal, mas uma dificuldade para decompor um texto do século XVI, cuja subordinação da composição dos períodos seja excessiva ou seja, é uma geração com uma inteligência grande, mas diferente da minha. [...] Em geral, quando a gente envelhece, começa a achar que a nossa geração era melhor, mas isso é só sinal de idade. (2016, Programa Roda Viva. 20:20s-22:20s).

## **2.2 Formas eficientes e eficazes para assegurar a aprendizagem.**

Conhecer como os alunos aprendem é fundamental e necessário para o educador, pois o ajuda a compreender e decidir sobre como ensinar, como conduzir sua aula, para identificar as condições para que os conhecimentos sejam eficazmente aprendidos de fato.

Para assegurar uma aprendizagem significativa dois psicólogos, Rogers e Ausubel devem ser citados. Este último assim se expressa com relação à referida aprendizagem:

[...] A aprendizagem significativa, seja por recepção, seja por descoberta, se opõe ao aprendizado mecânico, repetitivo e memorístico. Compreende a aquisição de novos significados [...] A essência da aprendizagem significativa está em que as ideias expressas simbolicamente se relacionam de maneira não arbitrária, mas substancial com que o aluno sabe. O material que aprende é potencialmente significativo para ele. (Ausubel apud Sacristán e Gómez, 1996, p.46).

Dentre as eficientes e eficazes formas de assegurar uma aprendizagem significativa, podemos iniciar destacando a importância das múltiplas inteligências de Gardner (2011).

Durante muito tempo a inteligência na visão tradicional ocidental era única, e altamente hereditária. Porém, não conseguia explicar a dispersão de inteligências em comunidades com perfis significativamente diferentes historicamente. Já no extremo oriente, na visão Confuciana, está relacionada ao uso, esforço, trabalho. (GARDNER, 2011).

O psicólogo americano Howard Gardner, a partir da Teoria das Inteligências Múltiplas (1995), trouxe implicações positivas para a educação. Uma vez que

todas as inteligências são parte da herança humana genética, em algum nível básico cada inteligência se manifesta universalmente, independentemente da educação ou do apoio cultural.

Para Gardner são oito as inteligências mapeadas ainda que tradicionalmente duas sejam as mais exploradas ou seja, a lógico-matemática e linguística. A linguística está associada ao escrever, falar, criar nas diferentes formas de linguagem verbal e escrita. A lógico-matemática é percebida como a capacidade de lidar com números, símbolos, o raciocínio lógico.

Porém, cada vez mais a área educacional tem atentado para as demais as inteligências tais como: espacial, corporal, interpessoal, intrapessoal, musical e naturalista. Para Gardner a inteligência espacial é aquela que nos permite navegar pelos espaços amplos como um marinheiro ou piloto de avião, ou um conceito espacial mais local, como um escultor ou arquiteto. A inteligência corporal pode ser exemplificada como a do atleta, do dançarino, aquela associada à capacidade de perceber e usar o corpo como veículo de expressão. A inteligência intrapessoal está relacionada ao autoconhecimento, ao entender a você próprio, ter uma boa ideia de quem você é. A inteligência intrapessoal relaciona-se com a compreensão do outro, sendo muito comum em líderes, vendedores, professores dentre outras posições. Já a inteligência musical é a dos artistas, cantores, compositores, ou seja, a sensibilidade aos sons e ritmos. Finalmente, a oitava inteligência é aquela que permite reconhecer as diferenças entre plantas, animais a natureza de uma forma geral, por isso identificada como inteligência naturalista. (GARDNER, 2011).

No âmbito das múltiplas inteligências Gardner (2011) propõe a seguinte reflexão:

[...] todo mês aprendemos mais sobre o cérebro, todo mês aprendemos mais sobre genética. Durante suas vidas os estudantes virão à escola com uma imagem do cérebro deles, uma ressonância magnética funcional, e com um chip do gene, com seu genoma próprio e único, e dirão aos professores; me ensine de um jeito que eu possa aprender. (GARDNER, 2011).

Gardner então, corrobora com a já conhecida constatação de que assim como não há duas digitais iguais, também não existem duas pessoas com o mesmo perfil e que essa afirmação conduz a duas informações educacionais,

que vão contra a prática de muitos anos. A primeira que diz que deveríamos individualizar a educação o máximo possível e isso significa ensinar cada pessoa de uma maneira que aprendam melhor e avaliá-los, testá-los, de modo que possam mostrar o que entenderam. A segunda afirmação educacional é de que devemos ensinar tudo que é importante de várias maneiras diferentes, buscando assim, o exercício da docência mais profissional e adequado as novas demandas.

Conforme Gardner (2011) a inteligência é um potencial para processar a informação que entra pelos olhos, ouvidos e mãos para solucionar problemas e fazer coisas que são valorizadas em uma cultura ou comunidade.

Nesta mesma linha de personalização do ensino e por conseguinte aumento da eficiência e eficácia no aprendizado, Scarpato (2012), chama-nos a atenção:

[...] o processo de ensino-aprendizagem deve explorar os cinco órgãos dos sentidos e a seleção criteriosa dos variados recursos didáticos possibilitam isso. (p.75).

Assim, respeitando estas constatações é pertinente aos professores contemplarem em suas aulas formas de ensino que estimulem estes diferentes órgãos sensoriais: para os visuais com imagens, fotos, projetores etc; para os audiovisuais com filmes, vídeos etc; para os auditivos com músicas etc, para os visuais táteis com livros didáticos, textos etc; para os olfativos com a experiência com aromas e para os paladares com oportunidades degustativas.

Outro aspecto importante a destacar nesta linha de como os alunos do ensino superior aprendem, está relacionado a etapa de vida deste público, pois mostra que estão amadurecendo, avançando para uma etapa de menor dependência para maior independência e responsabilidades tanto em aspectos psicológicos como sociais.

Nesta fase é natural observarmos um avanço da pedagogia para a andragogia, na qual o aluno torna-se coautor e está mobilizado para a independência, a autoaprendizagem, sendo o professor um incentivador, orientador do processo de aprendizado bem como, aprendente junto com o aluno.

Neste sentido segundo Masetto,(2013)

[...] Quanto mais o professor planejar atividades centradas no aluno, que permitam que este trabalhe segundo suas condições, tornando-se agente de sua aprendizagem, maior será a eficácia. Se nivelar o processo por um único padrão (o mais rápido, o mais lento, ou a média), ocorrerá o risco de desmotivar os alunos. (p.48).

Ainda nesta linha de otimizar a aprendizagem dos alunos do ensino superior é importante ao docente compreender que esta ocorre em estágios, conforme KOLB (1984) e ROGERS (2011). Estes autores afirmam que à aprendizagem em ciclos contemplam o seguinte raciocínio: executar uma atividade específica oportuniza o aluno refletir a respeito dela, com a busca de elementos teóricos para relacioná-la com sua experiência já ocorrida.

Conforme KOLB (1984) esses estágios podem ser caracterizados como etapas de: sentir, observar, pensar e agir. Além disso, destaca que esse é um processo contínuo de aprendizagem.

Ao reconhecer estes estágios observa-se também estilos diferentes de aprender com pessoas que se sentem mais produtivas observando, outras, teorizando e/ou experimentando. Conforme diz ROGERS, (2011).

[...] por exemplo, se você é um professor de estilo ativista, tenderá a enfatizar o fazer. Haverá alunos em seu grupo cujas preferências estão mais para o estilo reflexivo [...] e se sentirão incomodados, pois não haverá oportunidade para distanciar e pensar. (Masetto 2013, p.49).

Para ATKINSON (2014), também são quatro os estágios de aprendizagem:

O primeiro da Incompetência Inconsciente, definindo como sendo quando você não está consciente de que você não sabe fazer alguma coisa, ou fase na qual “você não sabe que não sabe”. No segundo estágio, denominado Incompetência Consciente, você começa a praticar a nova habilidade que você deseja ter, “você sabe que não sabe”, que ainda não tem determinada competência. No estágio a seguir, classificado como Competência Consciente, você começa a desenvolver uma competência, “você sabe que sabe”, mas ainda não de forma integrada, consciente, natural. Finalmente, no último estágio, da Competência Inconsciente, as habilidades e o novo jeito de agir se torna habitual,

natural e espontâneo, “você não sabe que sabe” e totalmente comprometido em aprender cada vez mais. (ATKINSON 2014, p.23)

Dessa forma, respeitando os 4 estilos e estágios de aprendizagem, constata-se a necessidade da customização do ensino, de um verdadeiro olhar para o aluno, visando atingir de maneira eficiente e eficaz o seu complexo mundo, do ato de aprender:

Sendo que para CARDOSO (1995), o ato de aprender é fundamentalmente:

[...] um processo de conhecimento em busca da realização plena do homem, no sentido ético único, que em linguagem comum chamamos felicidade. Ser feliz e celebrar a vida é sentir-se em comunhão com todos os seres na experiência da vida e da morte. Na abordagem holística, a aprendizagem implica em mudanças de valores. A aprendizagem é uma conversão. A compreensão do universo só tem sentido ético se levar o homem a uma maior compreensão de si mesmo... O saber para poder é meio, o saber para ser é fim. (p.56).

Enfim, podemos então perceber que o significativo avanço no número de alunos no ensino superior, trouxe para a sala de aula um discente universitário heterogêneo tanto no aspecto social, econômico, cultural, como na bagagem de conhecimentos, demandando dessa forma, muita atenção e um conjunto de elementos específicos por parte do docente para assegurar a construção de um eficiente e eficaz processo de ensino-aprendizagem.

Adiante, analisaremos que a arte de ensinar com qualidade no ensino superior requer um conjunto de competências, dimensões singulares, estudos e aplicações das melhores práticas docentes, essencialmente construídos através de uma forte interação social, visando a construção de novos saberes de maneira conjunta, na qual professores e alunos saiam transformados.

## CAPÍTULO 3

### PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: COMPETÊNCIAS E INTERAÇÃO SOCIAL PARA A EFICIÊNCIA E EFICÁCIA DO PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR

“Os planos mais bem elaborados do mundo não valem o papel no qual foram escritos se você não conseguir realizar nada”.

RALPH S. LARSEN

Presidents e CEO, Johnson & Johnson

#### **3.1 Eficiência e eficácia na prática docente**

Durante muito tempo parece ter havido o consenso que um professor bom era aquele que tinha amplo domínio sobre sua disciplina, conteúdo e conhecimentos que ele transmitia. Mas, cada vez mais tem ficado claro que apenas o domínio do conteúdo, mesmo que relevante no processo de ensino aprendizagem, este representa apenas uma parte do todo.

Atualmente, a formação dos professores exige a aquisição e desenvolvimento de um conjunto de competências, formação, dedicação e disponibilidade para o pleno exercício da profissão.

Neste contexto é relevante questionarmos quais são as competências profissionais que apoiam o docente a exercer de maneira eficiente e eficaz sua profissão? Mas, antes disso, é importante entender competência como: “conjunto de conhecimentos e habilidades de que as pessoas necessitam para desenvolver algum tipo de atividade”, conforme Zabalza (2006, p.70), no que é também confirmado por Perrenoud etc al.,(2002, p.19), que afirmam:

[...] atualmente define-se uma competência como a aptidão para enfrentar um conjunto de situações análogas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltipla de recursos cognitivos: saberes, capacidades, micro competências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio.

Como podemos perceber competência diz respeito aos saberes, valores, atitudes, habilidades que nos tornam capazes a tomar decisões de forma eficiente e eficaz nas mais diversas relações interpessoais de nossas vidas.

No que tange a competência para a docência no ensino superior, conforme Masetto (2013).

[...] tratando de competência para a docência no ensino superior, entendemos que ela pode ser compreendida em três grandes áreas: na área do conhecimento, na área pedagógica e na dimensão política da ação docente. (GAETA & MASETTO, 2013, p.98).

Inicialmente para tratar a área de conhecimento, há consenso que a docência tenha como premissa o domínio de conhecimentos básicos em determinada área; experiência profissional de campo e as mais diversas formas de atualização constante. Mas, definitivamente um dos saberes indispensáveis conforme FREIRE (2017, p.24), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Assim, se ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo.

Além disso, ensinar exige pesquisa, conforme FREIRE (2017, p.30). Entenda-se aqui a pesquisa como a atividade na qual o professor reflete criticamente sobre temas teóricos ou experiências pessoais, reorganizando e reconstruindo seus conhecimentos, ou seja, a sua contribuição para o avanço de determinado tema. Aqui está presente a marca da produção intelectual e científica, pessoal e própria do professor como intelectual, algo adiante de ministrar aulas, pesquisa, produzir conhecimento, divulgar e discutir com seus pares os estudos feitos. Assim, não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino conforme Freire (2017, p.30), afirma:

[...] faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

A docência em nível superior exige também um professor com domínio na área pedagógica contemplando conhecimentos, habilidades e atitudes que o professor necessita para exercer seu papel, tais como: compreender o processo de ensino-aprendizagem, a gestão de currículo, integração das disciplinas como componentes curriculares, a compreensão da relação professor-aluno, teoria e

prática da tecnologia educacional, concepção do processo avaliativo e suas técnicas de feedback e o planejamento como atividade educacional e política.

Nesta linha, SCARPATO (2012), recorda que:

[...] os professores precisam planejar suas aulas para que se torne eficiente, eficaz e significativo o processo de ensino-aprendizagem no cotidiano escolar. Para isso, é necessário elaborar, rever seus planos de ensino a cada início de ano letivo, compreendendo o verdadeiro significado e articulação de cada uma de suas etapas: objetivo geral, objetivos específicos, conteúdos, procedimentos de ensino, recursos didáticos e avaliação da aprendizagem. (2012, p.73).

Para Zabalza (2006, p.183) são dez as dimensões de uma docência de qualidade no ensino superior:

- planejar sua docência voltada para um projeto formativo de seus alunos;
- organizar o ambiente de trabalho;
- selecionar os conteúdos interessados e sua forma de apresentação;
- usar material de apoio, metodologia que incentive a aprendizagem do aluno, incorporar novas tecnologias e recursos diversos;
- dar atenção pessoal aos estudantes e aos sistemas de apoio;
- desenvolver estratégias de integração com outros docentes;
- desenvolver sistemas de avaliação do processo de aprendizagem e mecanismos de revisão do processo como um todo.

Segundo Bain (2007, pp.133-150), ao observar as melhores práticas dos professores universitários em ação destaca os seguintes pontos essenciais:

- a) conseguir a atenção dos alunos e não perdê-la, por exemplo, com alguma ação, alguma pergunta ou alguma afirmação provocativa;
- b) começar o trabalho com os estudantes em lugar de começar com a disciplina;
- c) buscar compromissos;
- d) ajudar os estudantes a aprender fora da sala de aula;
- e) ajudar os estudantes a construir uma compreensão dos conceitos e não unicamente cumprir o programa;

- f) criar experiências diversas de aprendizagem, levando em conta a heterogeneidade de seus alunos;
- g) dar explicações;
- h) deixar que os alunos se manifestem em aula com perguntas, dúvidas, comentários;
- i) incentivar a apresentação de experiências pessoais;
- j) incentivar o posicionamento crítico acerca dos temas;
- k) utilizar cadeiras soltas na sala de aula para facilitar dinâmicas de grupo.

De maneira abrangente, para Rogers (2011), a empatia com os alunos (isto é, dispor-se a se colocar no lugar do aluno para compreendê-lo, identificando assim suas potencialidades através do diálogo e a construção de responsabilidades mútuas que busquem a emancipação do estudante é fator crítico de sucesso para a prática docente.

Quanto a terceira competência, a dimensão política ou de cidadania é imprescindível no exercício da docência universitária. Isto porquê, conforme MASETTO, (2013), ainda que sejamos especialistas em determinada área de conhecimento e tenhamos sido contratados para lecionar em tal campo, esta representa apenas uma parte de nossa personalidade. O professor também carrega sua cidadania, sua responsabilidade social, integrando dimensões tecnológicas, éticas, sociais, culturais, ambientais e econômicas para suas relações.

MASETTO (2013), então nos lembra a necessidade de discutir o que está se passando na sociedade contemporânea, analisar seus objetivos educacionais e então encaminhar propostas que façam sentido para os tempos atuais. Neste contexto, alunos precisam encontrar na relação com seus professores espaços para discutir os aspectos políticos de sua profissão e de seu exercício na sociedade para nela atuar como cidadãos e profissionais.

Ou conforme FREIRE, (2017) afirma:

[...] outro saber que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. (p.96).

Portanto, podemos reconhecer que além dos conteúdos, independentes de como ensinados ou aprendidos foram, estes representarão um corroborar da ideologia dominante ou de seu enfrentamento.

### **3.2 A importância da Interação Social na construção do processo de aprendizagem no ensino superior**

A principal finalidade de toda estrutura educacional é promover a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano. Isso, por si só, justifica a constante preocupação, não apenas de educadores, psicólogos e pesquisadores de tantas outras áreas, com a complexa natureza desses processos.

Muitas teorias se propõem a explicar como ocorre a aquisição do conhecimento, mas poucas se voltam a interação entre o sujeito e o objeto como elemento fundamental no processo de construção e do conhecimento e do próprio homem.

Acredita-se que é na interação social que o homem tem acesso ao saber acumulado por seus antepassados. Assim, as interações sociais de modo geral e aquelas que ocorrem particularmente no âmbito escolar vêm sendo apontadas como um caminho para incrementar os processos de aprendizagem e desenvolvimento, tornando mais produtivo o impacto da instituição de ensino na trajetória de vida do sujeito.

Assim, PIAGET (1977), afirma:

[...] Se tomarmos a noção do social nos diferentes sentidos do termo, isto é, englobando tanto as tendências hereditárias que nos levam à vida em comum e à imitação, como as relações “exteriores” ( no sentido de Durkheim) dos indivíduos entre eles, não se pode negar que desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é, simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo. (p.242).

O que nos faz refletir que as relações estabelecidas nos ambientes educacionais como um todo envolvem aspectos emocionais, intelectuais e sociais e encontram nesses espaços um local provocador para interações, contrastando com o ambiente tradicional de ensino, no qual a transmissão de conhecimento se daria de forma unidirecional, ou seja, somente professor para o aluno.

Nesse sentido, a relação professor-aluno deixa de ser entre aquele que sabe para aquele que não sabe e passa a ser uma relação de colaboração, de parceria e de crescimento mútuo.

Para Piaget, a aprendizagem do estudante será significativa quando esse for um sujeito ativo, ou seja, quando compreender seu objetivo de aprendizagem, receber informações e orientações sobre seu objeto de estudos, e a partir daí, tiver oportunidade de agir e de participar do seu processo de aprender. (Masetto, 2013, p.54).

Nesta mesma linha FREIRE (2017, p.58) nos afirma: “o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Reforçando-nos a necessidade do diálogo, reconhecimento, a escuta ativa, a troca de experiências e conhecimentos como essenciais no processo de ensino e aprendizagem.

Conforme PALANGANA (2015), a relevância social através das teorias interacionistas tem buscado explicar o processo de construção do conhecimento ao longo das últimas décadas nos meios educacionais do Brasil.

Tanto Piaget como Vigotski se associam da importância do organismo ativo na construção do conhecimento e ao explicitarem suas posições teóricas, ambos adotaram uma conduta reconhecidamente interacionista, sendo a reflexão do primeiro muito mais presente no campo filosófico e para Vigotski, dado o contexto político-social revolucionário, de forma mais prática.

[...] Vigotski definiu o meio social como o contexto das relações que os homens, diariamente, estabelecem entre si e com a realidade objetiva, na luta por garantir a satisfação de suas necessidades básicas, ou seja, na luta pela sobrevivência. (PALANGANA, 2015, p.166)

Como podemos notar, é no ambiente social e historicamente organizado que o sujeito se insere e se constitui ao interagir com os demais transformando-se e sendo transformado. Assim, entende-se que a natureza humana seria, desde o início, essencialmente social, na medida em que ela se origina e se desenvolve na e pela atividade prática dos homens. E nesse sentido a linguagem tanto como instrumento do pensamento e da comunicação contribuem para desenvolver os processos de aprendizagem por meio de trocas. Assim, Vigotski,

trouxe uma nova perspectiva ao afirmar que a construção do conhecimento se dá coletivamente.

Tanto para Piaget quanto para Vigotski o desenvolvimento e aprendizagem condicionam-se mutuamente, pois o sujeito se constrói e se desenvolve à medida que interage socialmente, apropriando-se e recriando a cultura elaborada pelas gerações precedentes. As trocas sociais, que se dão com adultos ou mais experientes, impactam sobre os processos maturacionais que estão em via de realizar-se.

Então, Palangana destaca que:

[...] nesse sentido, o papel do social no processo de construção do conhecimento é extremamente relevante: sua contribuição na constituição das funções superiores do pensamento é tão profunda e significativa quanto a que se atribui ao sujeito. (2015, p. 169).

Sendo novamente aqui destacada a importância de transformar o processo de ensino-aprendizagem em ambientes com práticas sociais e intercambiáveis acadêmicos que induzam à colaboração, a experimentação compartilhada bem como a outras relações que estimulem o contraste, o espírito crítico, o debate. Isto significa a valorização entre os sujeitos que se complementam e se influenciam reciprocamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Você não pode ensinar nada ao homem. Você só pode ajudá-lo a encontrar o que já está dentro dele.*

*Galileu.*

A vocação humana em tornar cada novo passo mais eficiente e eficaz que o anterior, se faz presente também na área educacional. Isso nos levou a buscar identificar quais os elementos didático-pedagógicos necessários para a eficiência e eficácia do professor no ensino superior, através de uma pesquisa bibliográfica e documental.

Iniciamos essa jornada contemplando um breve contexto histórico e a conceituação dos termos eficiência e eficácia. Adiante exploramos as características e os elementos relevantes para a aprendizagem do discente e, por fim, identificamos práticas pedagógicas competentes e a interação social como essenciais para o êxito do professor no ensino superior.

A união das temáticas: eficiência e eficácia, discente universitário e práticas pedagógicas ocorreu após constarmos que a baixa competitividade do Brasil, deve-se dentre vários fatores, fortemente a sua ineficiência e ineficácia em seu histórico processo educacional e mais especificamente analisado na última década. E, que a complexa solução demanda um profundo diagnóstico do discente universitário em todos os seus aspectos, bem como, de práticas pedagógicas competentes, capazes de assegurar a emancipação social do aluno.

Assim, para Drucker (1995), eficácia seria definida como a capacidade de fazer as coisas certas e eficiência como a capacidade de fazer certo as coisas. Já para Chiavenato (1994), eficácia seria uma medida normativa do alcance de objetivos, enquanto eficiência, avaliaria os recursos demandados nesse processo. Conforme Perrenoud (1999), a capacidade de agir eficazmente em um tipo definido de situação, capacidade que se apoia em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles.

A seguir Freire (2017), Gardner (2011), Masetto (2015), trazem-nos a importância do respeito aos saberes socialmente adquiridos, motivações e experiências de vida que devem ser prioritariamente considerados, bem como,

a necessidade de individualizar a educação o máximo possível diante de um discente nativo da era digital, tão heterogêneo desde os aspectos sociais, econômicos, culturais, histórico de ensino, visando assegurar o efetivo engajamento do aluno no processo de aprender a aprender.

Ainda para Rogers (2011) e Ausubel, percebemos a relevância da aprendizagem significativa, se opondo ao aprendizado mecânico, repetitivo e memorístico. Afinal, conforme Gardner, ainda que duas sejam as inteligências mais exploradas, matemática e linguística, são oito as mapeadas e aliadas dos professores na arte de ensinar e compreendendo que inteligência é um potencial para processar a informação que entra através dos nossos diferentes órgãos sensoriais, reforçando-nos o benefício de ensinar de várias maneiras para que os alunos compreendam e ressignifiquem seus aprendizados.

No que tange a competência pedagógica para a docência no ensino superior, conforme Gaeta e Masetto (2013), identificamos que três foram as áreas compreendidas como estratégicas: área do conhecimento, área pedagógica e a dimensão política, criando cenários para que os assuntos ensinados em sala de aula sejam reais e discutidos sob a guarda da ciência e da sociedade.

Já através do apoio de Piaget e Vigotski, comprovamos que o desenvolvimento e a aprendizagem condicionam-se mutuamente, pois o sujeito se constrói e se desenvolve à medida que interage socialmente, apropriando-se e recriando a cultura elaborada pelas gerações precedentes, confirmando a importância de transformar o processo de ensino-aprendizagem em áreas com práticas sociais, que facilitem colaboração, a troca de experiências e o debate permanente.

Assim, ao retomarmos à pergunta inicial referente a quais são os elementos didático-pedagógicos necessários para a eficiência e eficácia do professor no ensino superior, podemos constatar que exige um amplo conjunto de comportamentos, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para o pleno exercício de sua função.

Ficou ainda evidente, através da literatura que para assegurar eficiência e eficácia no ensino superior, o professor deve investir também no conhecimento de seu aluno, desde aspectos sociais, econômicos, culturais, histórico de ensino para a partir deste ponto construir sua estratégia de ensino da maneira mais

customizada possível. Neste sentido, o reconhecimento das diferentes inteligências, com a implementação de aulas que estimulem diferentes órgãos sensoriais, respeitando o tempo, estágios e estilos de aprendizagem de cada aluno são fundamentos básicos e essenciais a prática docente.

Adicionalmente, constatamos que através do mapeamento de competências, análise de dimensões de uma docência de qualidade, a observação de melhores práticas de ensino, bem como, o reconhecimento da importância da interação social como instrumento do pensamento e da comunicação, são fortes aliados para o desenvolvimento de um processo de ensino eficiente e eficaz.

Entretanto, ainda que a pesquisa tenha coberto parte de seus objetivos, devida a amplitude e relevância do tema para a construção de uma sociedade mais competitiva, com melhores performances educacionais e conseqüentemente justa e realmente capaz de produzir a emancipação social e soberania do país, sempre haverá a necessidade de aprofundar as temáticas aqui apresentadas.

## REFERÊNCIAS

ATKINSON, Marilyn. A arte e a Ciência do Coaching: coaching passo a passo. Trad. IACI, Rios, São Paulo, Perse, 2014, p.23.

BAIN, Ken. Lo que hacen los mejores profesores universitarios. 2.ed. Valência: Publicacions de la Universitat de Valencia, 2007.

CHIAVENATO, I. Administração, teoria, processo e prática. São Paulo, Makron Brooks, 1994, p.70.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 55.ed. Rio de Janeiro/São Paulo, 2017, p.30-31, p.58, p.96

GAETA, C. e MASETTO, M. O professor iniciante no ensino superior. Editora Senac. São Paulo 2013, p.36-38, p.48-49, p.54, p.98

GARDNER, H. Inteligências Múltiplas. a teoria na prática. Trad. VERONESE, M. Artmed, Porto Alegre, 1995.

GARDNER, H. Vídeos I/II: Educação no Século XXI. UFRGS, 2011.

JACOBSEN, A. Teorias da Administração II. 2.ed. Florianópolis, 2012, p.37.

KARNAL, L. Programa Televisivo Roda Viva. São Paulo, 2011.

KOLB, David A. Experimental learning: experience as the source of learning and development. Englewood Cliffs: Printice Hall, 1984.

La TAILLE, Yves. Piaget, Vigotsky, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 2016, p.11-12.

MAGRETTA, Joan. Entendendo Michael Porter: O guia essencial da competição e estratégia. Editora HSM, São Paulo 2012.

MASETTO, Marcos Tarciso. Competências Pedagógicas do Professor Universitário. 3.ed. São Paulo: Summus 2015.

MEGGINSON, Leon C. et al. Administração: conceitos e aplicações. 4.ed. São Paulo: Harbra, 1998, p.11-12

MORAN, José Manuel. Marcos T. Masetto, Marilda Aparecida Behrens. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21 ed. Campinas, Papirus, 2013.

PALANGANA, Isilda Campaner. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância do social. 6.ed. São Paulo: Summus, 2015.

PERRENOUD, P. Construir competências desde a escola. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre, Artmed, 1999, p.07.

PERRENOUD, Philippe & THURLER, Monica. As competências para ensinar no século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROGERS, Jenny. Aprendizagem de adultos: Fundamentos para educação corporativa. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SACRISTÁN, Gimeno J. Gómex, Angel, I. P. Compreender y transformar la enseñanza. Madri: Morata, 1996.

SCARPATO, M. Didática e desenvolvimento integral. 1.ed. São Paulo, Avercamp, 2012, p.73,75.

STONER, J. A.; FREEMAN, R. E. Administração: Rio de Janeiro, Prentice-Hall do Brasil, 1995. p. 136-239.

ZABALZA, Miguel A. Competencias docentes del profesorado universitario: calidad y desarrollo profesional. Madri: Narcea, 2006.